



O CORPO NA KOLA DE SAN JON: EXPRESSÃO, LIBERDADE E IDENTIDADE DE CABO VERDE

THE BODY IN KOLA DE SAN JON - CAPE VERDE'S IDENTITY, EXPRESSION AND FREEDOM

Natasha Ferreira Martins ¹

Gabriel Bogossian ²


Paulo Mendes Pinto ³

Resumo: Com o objetivo de lançar o olhar às manifestações de rito e identidade encontradas na festividade popular religiosa Kola San Jon, este trabalho irá analisar as singularidades do fenómeno religioso no contexto cabo-verdiano, abordando as diversas fontes de conhecimento que contribuíram para formular sua performance ritual. Ademais, será utilizado o trabalho do pintor português Albano Neves e Sousa como referência de suporte artística para se estruturar levantamentos de ordem social e expressão do corpo, na intenção de munir de ferramentas para maior compreensão sobre o movimento-ação da umbigada, dança característica das festas de San Jon, enquanto símbolo vivo de conexão e memória.

Palavras-chave: Cabo Verde. Kola. Identidade. Corpo. Umbigada.

Abstract : This work will analyze the singularities of the religious phenomenon in the Cape Verdean context, paying close attention to the ritualization of identity and its manifestation, with the objective to focus on how different sources of knowledge contributed to formulate its performance. Furthermore, the work of the Portuguese painter Albano Neves e Sousa will be used as an artistic support to structure questions of social behavior and body expression, providing tools for a better comprehension of action and movement, particularly on the case of the umbigada, San Jon festivities characteristic dance, as a living symbol of connection and memory.

Keywords: Cape Verde. Kola. Identity. Body. Umbigada.

-
- 1** Mestre em Ciência das Religiões e pesquisadora pela Universidade Lusófona de Lisboa. Atualmente é investigadora na ULHT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2186-8258>. E-mail: natashamirra@gmail.com
 - 2** Mestre em Ciência das Religiões e Pesquisador pela Universidade Lusófona de Lisboa. Atualmente é investigador na ULHT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2900-5633>. E-mail: gbogossian@gmail.com
 - 3** Doutor em Estudos Culturais (Un. de Aveiro). Atualmente é Diretor-Geral Académico do Ensino Lusófona - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4706-1161>. E-mail: p971@ulusofona.pt
- 

Introdução

A celebração de Kola San Jon, também conhecida como festa de São João Batista, é uma festa popular e religiosa das ilhas de Cabo Verde. Comemorada anualmente no dia 24 de junho a Kola celebra o dia de São João com performances rituais que unem o universo do paganismo africano com o do catolicismo português.

Atualmente a festa da Kola de San Jon é patrimônio cultural imaterial tanto de Cabo Verde, como de Portugal¹. Observa-se nesta manifestação uma grande mescla de símbolos identitários, relacionados aos fluxos migratórios durante o povoamento das ilhas que compõem o arquipélago. (COSTA, 2018) Dentre os componentes artísticos que montam as alegorias festivas, o destaque é a dança, também reconhecida como Kola, ou Umbigada. Ela consiste em um conjunto de movimentos onde os dançarinos encostam um no umbigo um do outro.

A fim de comparar diferentes manifestações culturais onde a Umbigada, movimento originário de ritos africanos, é presente, apoiar-se-á em trabalhos cujo foco específico de análise é o corpo enquanto veículo de expressão identitária. Embora possua destaque na festa popular da Kola de San Jon, nota-se ainda a pouca a associação e trabalhos sobre diferentes conexões com a matriz africana, tão importante para a construção de Cabo Verde como nação.

O pintor português Albano Neves e Sousa registra no século passado uma ilustração extremamente curiosa e relevante ao tema. Entendida como uma iconografia pictográfica histórica, a análise da obra servirá como suporte na compreensão do fenômeno religioso e de seus desdobramentos sociais.

Trabalhos sobre o tema ou voltados para a religiosidade cabo-verdiana são escassos. Salienta-se que pesquisas conectando danças populares e religiosas na região das Américas com as performances rituais tradicionais africanas são encontradas em maior número, servindo aqui como comparativo ao fenômeno encontrado em Cabo Verde. Melhores análises e não tão restritas ao âmbito católico são necessárias.

Religiosidade em Cabo Verde

Cabo Verde é um arquipélago de natureza vulcânica, descoberto pelos portugueses no ano de 1460 D.E.C. As ilhas estavam completamente desabitadas e sem indícios de qualquer presença humana anterior. Após cinco séculos, o país conquistou sua independência no ano 1975.

Durante a colonização, foram levados africanos escravizados de muitas partes da África para trabalhos braçais e comerciais. Destes, a maioria expressivas eram oriundos do Congo e de Angola, mas também da Nigéria, Benin, Guiné e de outras regiões africanas. Destacam-se, portanto, os grupos étnicos e linguísticos bantu e iorubás.

Apesar dos povos africanos destes grupos apresentarem algumas diferenças em suas crenças, visões de mundo e modelo de organização social, ocorrem também semelhanças culturais ligadas aos valores sociais e qualidades de seus deuses. O grande império de Oió, por exemplo, foi um império da África Ocidental localizado entre a Nigéria e o Benim, liderado pelo rei Acajá, foi um período de riquezas, paz e prosperidade para toda região e arredores. Acajá receberia mais tarde uma categorização de deidade e é reconhecido pelo nome de Xangô para os iorubás e Zaze para os bantu. (CUNHA JÚNIOR, 2010) A importância do reino de Oió para muitos povos africanos deve-se principalmente ao fato de ter sido por muitos anos este exército o grande protetor, e a grande resistência, contra o tráfico de escravos da sua região e de todas próximas a ele.

Prandi e Vallado (2010, p. 5) falam sobre a mistura de povos africanos durante o período colonial: “Vinham de diferentes cidades, traziam diferentes deuses, falavam dialetos distintos, mas tinham todos algo em comum: o culto ao deus do trovão, o obá de Oió, o orixá Xangô.”. Xangô será sincretizado nas Américas, bem como em Cabo Verde, pelo santo católico João Batista.

O governo de Cabo Verde não possui nenhuma coleta de dados sobre a religião, contudo é notório o maior número de católicos no país.² Porém, é importante recordar que mesmo diante

¹ Conforme o Inventário Nacional do Patrimônio Cultural de Portugal, na categoria de festividades cíclicas e número de inventário INPCI 2013_001. Consultado em 11 de maio de 2022 em <http://www.matrizpci.dgpc.pt/>

² Segundo o levantamento do Departamento de Liberdade Religiosa Internacional do governo dos Estados Unidos

da imposição religiosa sofrida em Cabo Verde durante o período colonial, os escravizados levavam consigo sua cultura, suas crenças e memórias. Desta maneira, a construção de rituais característicos a seu povo, dar-se-á diante de misturas étnicas, sobretudo africanas. São detalhes por vezes sutis, mas que influenciam diretamente na costura dos fenômenos religiosos. Dentro deste quadro, regido por diferentes razões migratórias, encontra-se nas festividades religiosas populares, sob forma de expressão dos encontros, refúgio para continuidade de elementos identitários e seus efeitos de memória, agentes na elaboração de um paradigma cultural próprio, a exemplo de outros contextos que bebem da lusofonia enquanto cenário.

A Kola de San Jon

Manifestação cultural de patrimônio imaterial, a Kola possui valor como fonte de preservação da identidade da nação de Cabo Verde. Durante o período colonial português, foi enviado ao país africano números incontáveis de negros escravizados, e estes quando em territórios distantes que os seus de origem, sentiam a necessidade de construir meios de manutenção de valores que sustentavam suas identidades individuais e coletivas.

Através da arte, reproduz-se a memória de gerações, transmitindo assim, além de saberes ligados às religiosidades populares, a história do povo que constrói o fenômeno. Portanto, a análise do conjunto simbólico orquestrado no ritual de San Jon serve como objeto de estudo para uma compreensão mais profunda sobre as raízes das religiosidades cabo-verdianas. Explica Rodrigues (2018) sobre a importância da identidade cultural:

Além disso, cultura é possibilidade de um acumular de experiências, enquanto depósito da memória coletiva. Dá forma à linguagem, arte, religião, identidade e a história, deixando assim a sua marca no mais sutil acontecimento. Nenhum membro de sociedade, por menos instruído que seja, está desprovido de cultura, uma vez que ela e pertença social são a mesma coisa (RODRIGUES, 2018, p. 15)

O termo Kola não tem unanimidade no meio acadêmico quanto a sua origem. Para alguns significa falar alto, para outros refere-se a dança realizada durante a cerimônia. Contudo, para a maior parte dos pesquisadores compulsados na construção desta pesquisa, o ritual de Kola San Jon tem início com a cristianização difundida em Cabo Verde durante a colonização da região, que ao encontrar a trajetória religiosa dos africanos lá estabelecidos, produz uma celebração híbrida de elementos sagrados e festivos. Sobre essa característica, comenta Rodrigues (2018):

Neste caso específico do Kola San Jon, esta festividade não contempla só o religioso, a devoção a um santo católico, como também o profano, ou seja, a realização de atividades festivas em comemoração, ao Santo Padroeiro (SOUZA, 2018, p. 117).

Junto dos ritos religiosos, procissão e missas, ocorrem festejos populares. Bem como em outros países com concentrações de povos que foram escravizados e aos quais foi imposta uma religião Católica, ao exemplo do Brasil e de Angola, as festas de catolicismo popular tornaram-se uma maneira de enfrentar as dificuldades da vida e contornar muitas das opressões sofridas. Desta forma, no lugar do apagamento, os as populações adaptaram a sua fé ao que se reconhece como sincretismo.

A festa começa com o cantar de músicas por parte das mulheres e o tocar de tambores pelos homens. Seguindo-se procissões e missas, encerra-se a festa com um compartilhar de danças, comidas, jogos e torneios.

Destaca-se a etapa da festa onde há a oferta de alimentos e todos comungam, ainda que dialogue com a ideia de ceia e de comunhão católica, é sabido que os rituais originários dos povos da África têm como um de seus elementos principais as oferendas de alimentos para os deuses.

da América, no ano de 2020, estima-se que 77% da população de Cabo Verde seja católica romana. (Acessado em 5 de maio de 2022, <https://www.state.gov/reports/2020-report-on-international-religious-freedom/cabo-verde>)

Durante o solstício de verão, exatamente a data da festa de S. João, é comum para um número expressivo de povos pagãos o ato de ofertar alimentos e plantas com o objetivo de agradecer a colheita do ano que passou. Rodrigues (2018) salienta que:

Os participantes da peregrinação já não são, na sua maioria, católicos ou devotos ao Santo, mas de outras religiões que não veneram nenhuma figura de Santo, como o caso da igreja protestante, ou, ainda, de católicos não praticantes, bem como pessoas não crentes. Portanto, esta festividade ultrapassa hoje o próprio culto religioso (RODRIGUES, 2018, P. 35)

Como um festejo onde a liberdade dos corpos é exaltada, a Kola San Jon desempenhou, e ainda desempenha, um momento de libertação de toda opressão vivenciada por seus devotos. Imposições antes vindas por parte do sistema escravocrata e de seus senhores, que hoje ecoam na memória das muitas gerações de cabo-verdianos e abrem espaço para refletir sobre as imposições sofridas na atualidade. Reforça Rodrigues (2018):

O Kola tem, portanto, uma vertente muito satírica, já que a mulher crítica, falando em voz alta. Contudo, é também dança e cantiga de romaria, no qual o sexo é o prato forte. O Kola é dançado aos pares, normalmente homens com mulheres, todavia, se estas não forem requisitadas pelos homens, dançam/colam com mulheres (RODRIGUES, 2018, P. 44)

Se faz crer que as canções mais antigas tivessem conotação sexual e que, mais tarde, devido a reprovação das autoridades, civis e/ou da igreja, as letras fossem substituídas. Contudo, a dança e a batida do tambor que acompanham a letra, parecem ter permanecido mais próximos de sua raiz.

Ao analisar a partitura corporal³ desenvolvida na Kola e sua história, é notória a relação entre o ato sexual e a performance. Maiores compreensões acerca da reconfiguração do aparato original e suas possíveis origens de culto, serão explicadas no capítulo 3.

A Kola de Neves e Sousa

Albano Neves e Sousa é um artista português de extrema importância para os estudos etnográficos de África e do Brasil. Destaca-se também por trabalhos para o museu nacional de Angola no registro de imagens de povos indígenas, rituais de religiões brasileiras, bustos femininos e naturezas.

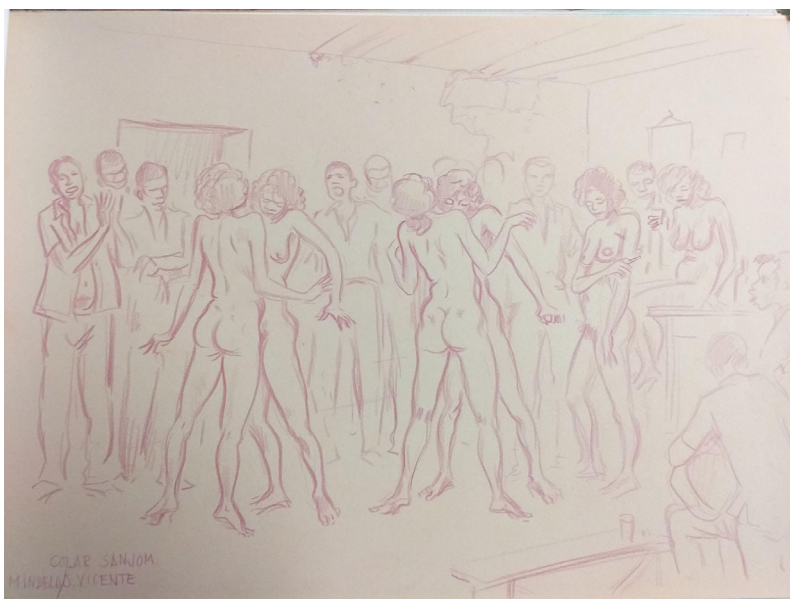
Em outras pesquisas anteriormente realizadas sobre o artista, constatou-se que em suas criações havia uma recorrente precisão quanto a veracidade da imagem, em outras palavras, Neves e Sousa desenhava o que via. Ainda que seja impossível determinar o quanto ele possa ter contaminado suas gravuras com impressões pessoais, até o presente momento, as obras que passaram por verificações obtiveram confirmações de sua valia como fonte histórica pictórica. (MARTINS et al, 2021)

As imagens registradas e elaboradas por Neves e Sousa, trazem luz a novos aspectos acerca da festividade de San Jon antes pouco explorados. Nelas, o artista ilustra um espaço fechado, contendo músicos, bebidas, homens animados e bem ao centro mulheres nuas dançando o que parece ser a Kola.

Albano indica no canto esquerdo das imagens tratar-se de: “Colar SanJom. Mindelo/S. Vicente” e na outra, “S. Vicente. Mindelo”. Apesar disso, a configuração tradicionalmente apresentada nas festas públicas de San Jon não correspondem exatamente às imagens construídas por Neves e Sousa, seja pelo ambiente retratado, quanto pela ausência de elementos essenciais, ao exemplo do tambor. Fatos estes que levanta ao questionamento sobre a veracidade do momento registrado, ou ainda, de ter o artista sido convidado para um evento particular ligado à festividade religiosa.

³ Termo usado por autores do teatro como Constantin Stanislávski e Jacques Lecoq para designar os gestos coreográficos feitos pelos atores na representação do espetáculo.

Figura 1. Ilustração de Neves e Sousa em viagem a Cabo Verde

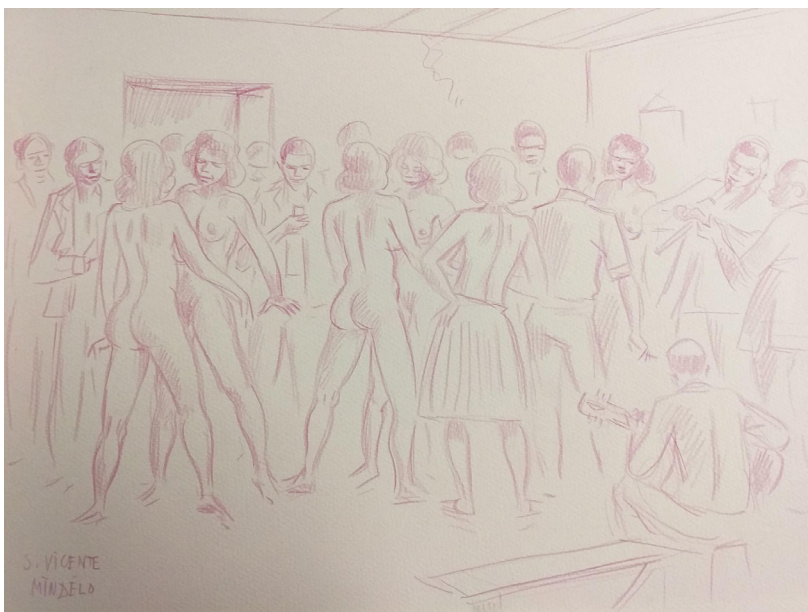


Fonte: Acervo Neves e Sousa, Livraria-Galeria Municipal Verney, Oeiras, Portugal.

Percebe-se que a Kola é constituída por um conjunto de pequenos ritos, e que o último desta construção destaca-se por ter um aspecto mais profano, com danças, jogos e diversões, como previamente mencionado. Portanto, uma das explicações possíveis é que Albano tenha tido contato com algumas destas festas que ocorrem após a procissão.

O que mais impressiona na imagem é o fato das mulheres estarem completamente nuas, pois não é comum na tradição das festas de San Jon. Entretanto, é entendida mais uma vez a ligação da Kola de San Jon com as antigas tradições tribais ligadas aos rituais de fertilidade.

Figura 2. Ilustração de Neves e Sousa em viagem a Cabo Verde



Fonte: Acervo Neves e Sousa, Livraria-Galeria Municipal Verney, Oeiras, Portugal.

Desta forma, aproximando o olhar para a influência da cultura sobre os sistemas sensoriais, pode-se levantar questões de natureza interpretativa no que tange reações individuais quando confrontadas a um estímulo em específico. Considerando os estudos sobre o tabu dos corpos,

Rodrigues (1979) coloca que “quando se trata de culturas diferentes, “mesmo estímulo” é, na realidade, uma multiplicidade de “dados” e de “informações” que devem ser “lidos” e “processados” segundo códigos diferentes” (RODRIGUES, 1979, p. 108).

Ou seja, é possível que Neves, na posição de visitante da festa, não estivesse alinhado com os códigos de emoção e conduta dos corpos na Kola, rito festivo, onde o corpo assume mais do que nunca o caráter veículo de expressões, se permitindo imaginar, carregado de olhar estrangeiro, outras variações de acontecimentos que presenciou. Não obstante, trata-se de um evento do coletivo, de celebração e catarse comunitária, cuja razão de data religiosa é ressignificada pela ação social, tornando-se um símbolo de identidade que já não se atém apenas aos moldes iniciais. Assim, é uma festa sem dono, ou melhor, de domínio popular, a ser vivenciada pelas pessoas, para além das procissões, conquistando as ruas e as casas, em constante reverberação com a memória e o sentido de liberdade, a ser assumido individualmente e coletivamente, de forma plural.

Comparando Religiosidades

Um dos pontos que levantam questionamentos quanto às adaptações religiosas sofridas pelos povos levados a Cabo Verde, é que a festa de São João Batista ocorre justamente no período das celebrações ao solstício de verão no hemisfério norte. A mistura dos elementos importantes para as tradições culturais e religiosas dos africanos precisou, devido às imposições por parte do Estado e da Igreja, arrumar uma maneira de resistir e existir em território cabo-verdiano.

Assim, a implantação da cerimônia de San Jon em Cabo Verde foi fruto de misturas étnicas. Há um folclore popular no arquipélago que conta sobre São João Batista:

Um dia o Santo teve de fugir para Porto Novo, um lugar relativamente mais sossegado e foi encontrado a vagar pelo litoral do Porto Novo por uma personagem que ficou na história, uma senhora chamada Memaia. Esta senhora levou o Santo para uma gruta onde habitava e passou a cuidar dele. Segundo relatos populares, Memaia terá vivido com o Santo numa gruta, junto à ribeira, onde fica a atual capela de São João Baptista, construída posteriormente, em 1892, ao lado da gruta onde os dois teriam vivido. (RODRIGUES, 2018, p. 33)

Segundo ditos populares da região, Memaia cuidou do santo durante toda sua vida e presenciou milagres. Porém, os limites da cerimônia da Kola ultrapassam seus valores religiosos, todos os anos pessoas de diferentes crenças e segmentos participam da festa, que envolve as comunidades de todo país em um momento de integração.

Entre os alimentos ofertados durante a cerimônia de San Jon, segundo Rodrigues (2018) destacam-se a broa, pastel de milho, guisado de cabra, torresmo, inhame, mandioca, banana, batata e chouriço de sangue. A relação de oferta de alimentos, bem como o do compartilhar de bebidas alcoólicas a base de cana de açúcar, também são encontrados em outras cerimônias de matriz africana similares a Kola, como o Samba de Umbigada, que será abordado com mais rigor no próximo capítulo, e o Jongo⁴.

Como dito anteriormente, tanto em solo americano como em Cabo Verde, ocorreram sincretismos de deuses pagãos africanos com os santos católicos. A deidade conhecida como Xangô foi absorvida pelo santo católico João Batista, trazendo assim, similaridades nas festas atribuídas ao santo em diferentes locais do mundo. Pode-se citar o exemplo do jogo de pular a fogueira, danças de roda, o rito de lavagem da imagem de São João Batista, procissões e comunhão de pratos e bebidas feitos a partir dos mesmos ingredientes. O que leva a crer e salientar a ancestralidade que envolve as festas desenvolvidas. (DE MELO, 2019)

Um dos ditos populares da região é: Sem tambor, não há cola. Demonstrando assim, a importância fulcral do tambor enquanto herança ainda presente, como um meio de condução do ritual. A forma de tocar o tambor e de dançar a Kola são de origem africana, da mesma forma a dança que em crioulo também se chama umbigada ou sobã, que é também típica de festividades relacionadas à fertilidade.

⁴ Dança, também reconhecida como um jogo, do interior de São Paulo e Rio de Janeiro, Brasil. Ligada à religiões como a Umbanda e a Macumba.

Umbigada

Umbigada, corresponde a uma dança de raiz africana, provavelmente oriunda do Congo e Angola, que vai compor diferentes rituais/performances artísticas em diferentes locais no mundo, onde os dançarinos unem seus umbigos e por ventura, seus órgãos sexuais. A Kola de Cabo-Verde é um dos exemplos onde a Umbigada é presente, ao passo que o mais conhecido é o chamado samba de umbigada ou batuque de umbigada, originário do Brasil. Contextualiza Cavaggioni (2018):

A partir do século XVI foram trazidas ao Brasil pelos negros escravizados de origem bantu diversas manifestações da cultura africana posteriormente incorporadas à cultura local, entre elas o Batuque de Umbigada. Os africanos trazidos ao Brasil colônia como escravos chegavam ao país despojados de qualquer referência material, contando apenas com o corpo e a memória para “reviver e reativar” sua identidade. Dançar ao som dos tambores era, então, uma forma de preservar seus costumes, valores e simbolismos (CAVAGGIONI, 2018, P.19).

Explica Silva (2010, p. 148): “os sambas de umbigada referem-se ao conjunto de manifestações caracterizadas pela presença da umbigada ou a menção desse gesto, característica de danças de lúdica amorosa banto-africana.”. A autora ainda complementa que o gesto da umbigada faz menção a força da encruzilhada, esse meio, lugar de encontros, por onde os opostos se tocam, que na mitologia bantu simboliza a localidade do corpo humano, entre o sagrado e o profano.

Alguns pontos que ligam as diferentes danças que utilizam da Umbigada são: presença de tambores e música cantada; situar-se entre o campo do sagrado e do profano; formação de rodas que evocam o que Mircea Eliade chama de “simbolismo do centro”, onde um microcosmo se constrói (Eliade, 1979); uso de saias como vestimentas; possuir como característica a espontaneidade; desenvolver dramas sociais (SILVA, 2010).

Nas tradições religiosas africanas o corpo é meio de contato com o sagrado, ao mesmo tempo que o corpo se faz sagrado. As performances artísticas por sua vez, em suas mais variadas formas, é que possibilitam a manifestação dos deuses. A umbigada é assim, bem como a Kola de San Jon, ponte com o sagrado, como também, sinônimo de resistência da identidade dos povos africanos, que performando suas crenças e histórias, fez com que seus corpos ultrapassassem as barreiras impostas pelo movimento escravocrata. Silva (2010, p. 150) diz: “Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos”.

Silva (2010) conta que “nas primeiras descrições sobre os sambas de umbigada” as definições das performances eram vistas como confusão, bagunça, paganismo, promiscuidade e bruxaria. Ainda que nas performances ritualísticas da Kola e do Samba de Umbigada não tenham como objetivo colocar os integrantes em transe e obter a incorporação de um espírito, é notório que o ritual por si só carregue um conjunto simbólico que reflete suas raízes religiosas, históricas e sociais.

Em toda a performance ritual onde há o gesto da umbigada, onde se inclui a Kola de San Jon, existem referências à sexualidade e ao despertar, libertar, dos corpos. O gesto pode ser visto como uma espécie de encenação do ato sexual e, consideram alguns pesquisadores como Rodrigues (2018), Cavaggioni (2018) e Silva (2010), fazer parte de antigos ritos de passagem e fertilidade.

Considerações Finais

Ainda que a aparência coreográfica da Kola na atualidade possa fugir de suas raízes, é precioso o olhar para as intersecções artísticas entre as culturas formadas a partir da diáspora africana dos povos bantu. Mesmo que distantes e contendo influências culturais distintas, os cabo-verdianos carregam na memória corporal suas identidades, por onde desenvolveu também um mecanismo de resistência.

Pode-se assim relacionar os movimentos da festa de San Jon das ilhas de Cabo Verde

com as narrativas religiosas onde ocorre o sincretismo de diferentes cosmovisões, neste caso, principalmente entre as religiões de matriz africana e o catolicismo popular. Neste trabalho, usou-se de expressões religiosas brasileiras que mesclam esses mesmos elementos como comparativo e fonte de informação, principalmente pela dificuldade no encontro de literatura pertinente ao tema e direcionada a Cabo Verde.

Percebe-se, portanto, a Kola como princípio de narrativa para contextualizar e caracterizar Cabo Verde em diferentes tempos, conjugando origem e contemporaneidade, bem como contribui e provoca a repensar influências, encarando a dificuldade de assimilação dos valores e reconhecimento da cultura africana na construção identitária do arquipélago.

Através das interpretações sobre o estudo de Neves e Sousa, nota-se, levando em consideração a permanência de certos elementos nas práticas relacionadas às festas religiosas populares, a ritualização de símbolos interpretados pelo povo, que dela utiliza para gerar seu próprio proceder cognitivo, à livre maneira, bebendo de uma fonte comum, mas múltipla. É pela vivência coletiva transformadora de reviver diferentes tradições que se gera a alegria subversiva das festividades populares, tão presente em contexto lusófono, onde a ação do corpo assume seu papel de protagonista e integra a cultura.

Há também de se mencionar o imaginário sobre o corpo de mulheres africanas quando dimensionados por um homem português, moldado, também ele, em diversas culturas. Ainda que Neves e Sousa tenha tido experiências como etnógrafo em território africano, havendo a confirmação da veracidade dos elementos registrados por ele como fonte histórica, as imagens usadas ao longo desta breve análise sobre a Kola não permitem essa confirmação. Portanto, as hipóteses são várias quanto a historicidade das ilustrações, entre a veracidade literal do que é retratado e o imaginário feminino africano do artista. Porém é a essência da performance que se faz sobressair. Os ritos de fertilidade, de prosperidade da terra e dos seres humanos, não só manifestam a necessidade de um povo, mas também a valorização do corpo, um corpo que é presença, memória e prazer.

A liberdade do corpo, da sexualidade e da fé são esferas que conjuntamente dançam na performance ritual da Kola de San Jon. A festa, como uma construção social, dá voz à identidade cabo-verdiana, onde o sagrado e o profano comungam o mesmo espaço, e por onde o resgate de antigas tradições podem livremente dialogar com as novas visões de mundo. Conclui-se, assim, a umbigada enquanto lugar de encontro, espaço-momento, tradição e novo, constatando a atemporalidade da memória e símbolos, por meio do chamado à ação e movimento, na constante lembrança que transforma a Kola San Jon em palco-símbolo para a manifestação das emoções e significados que já não se resumem apenas em si.

Referências

CAVAGGIONI, GLORIA BONILHA. **Batuque de Umbigada: Memória e Práxis de Resistência**. 2018. Dissertação. (Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba. 2018.

COSTA, Carla Sofia Queirós da. **Património Cultural Imaterial: políticas patrimoniais, agentes e organizações**. O processo de patrimonialização do Kola San Jon em Portugal. 2018. Tese. (Doutoramento em Antropologia - Políticas e Imagens da Cultura e Museologia). Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2018.

CUNHA JÚNIOR, HENRIQUE ANTUNES. NTU: introdução ao pensamento filosófico bantu. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, Ano 32, v.1, n.59, p. 25-40, 2010.

DE MELO, ROGÉRIO ZAIM. A cultura lúdica no banho de São João. Athlos: **Revista internacional de ciencias sociales de la actividad física, el juego y el deporte**. 16, p. 73-81, 2019.

DEPARTAMENTO DE LIBERDADE RELIGIOSA INTERNACIONAL (Estados Unidos da América). 2020 **Report on International Religious Freedom: Cabo Verde**. Departamento de Liberdade Religiosa

Internacional, 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/reports/2020-report-on-international-religious-freedom/cabo-verde> (acessado em 5 de maio de 2022).

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Editora Arcádia, 1979

INVENTÁRIO NACIONAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL (Portugal). **Kola San Jon**. Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, 2013. Disponível em: <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/InventarioNacional/DetalheFicha/337?dirPesq=0> (consultado em 11 de maio de 2022).

PRANDI, REGINALDO & VALLADO, ARMANDO. Dos yorùbá ao candomblé kétu. **Edusp**. São Paulo, v. 1, p. 141-161, 2010.

MARTINS, N., ALMEIDA, P., GUITEL, M., & da SILVA, A. Corporalidade do Candomblé pelo Olhar de Neves e Sousa. Kwanissa: **Revista De Estudos Africanos E Afro-Brasileiros**. São Luís, v. 4, n. 8, p. 241-260. jan/jun 2021

RIBEIRO, JORGE MANUEL DE MANSILHA CASTRO. **Inquietação, memória e afirmação no batuque: música e dança cabo-verdiana em Portugal**. 2012. Tese. (Doutoramento em Música). Universidade de Aveiro. Aveiro. 2012.

RODRIGUES, JOSÉ CARLOS. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé. 1979.

RODRIGUES, MARIA DO ROSÁRIO. **Kola San Jon de Santo Antão, Cabo Verde – Recurso Pedagógico para Escola Básica**. 2018. Dissertação. (Mestrado em Educação Artística). Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Viana do Castelo. 2018.

SILVA, Renata de Lima. Sambas de umbigada: considerações sobre jogo, performance, ritual e cultura. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 147-163, mai. 2010.

Recebido em 06 de junho de 2022.
Aceito em 16 de agosto de 2022.